

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

HENRIQUE RAFAEL S. SILVA

***A ARTE DA LINGOA DE IAPAM E OS VERBOS ADJETIVOS***

Brasília

2015

HENRIQUE RAFAEL S. SILVA

**A ARTE DA LINGOA DE IAPAM E OS *VERBOS ADJETIVOS***

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras, pelo curso de  
Letras: Língua e Literatura Japonesa da  
Universidade de Brasília.

**Orientadora: Tae Suzuki**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tae Suzuki – Universidade de Brasília  
(Orientadora)

Prof. Dr. Ronan Alves Pereira – Universidade de Brasília  
(Examinador)

Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá – Universidade de Brasília / Universidade  
Federal do Rio de Janeiro  
(Examinadora)

Brasília

2015

HENRIQUE RAFAEL S. SILVA

**A ARTE DA LINGOA DE IAPAM E OS *VERBOS ADJETIVOS***

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras, pelo curso de  
Letras: Língua e Literatura Japonesa da  
Universidade de Brasília.

Aprovado em 19 de Junho de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Tae Suzuki – Universidade de Brasília  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Ronan Alves Pereira – Universidade de Brasília  
(Examinador)

---

Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá – Universidade de Brasília / Universidade  
Federal do Rio de Janeiro  
(Examinadora)

Brasília

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Ninguém constrói nada na vida sozinho, o homem é um ser que necessita constantemente de seus iguais em seu crescimento, em sua jornada para consolidar seus sonhos e construir seu conhecimento.

Para a execução desse trabalho não contei somente com a minha força de vontade e disposição, várias foram as mãos que segurei para concretizar essa análise.

Primeiramente agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Tae Suzuki por toda a paciência e disponibilidade para me guiar durante esse processo com seu conhecimento incrível da gramática. Não somente por isso mas por ser uma das figuras dentro dos estudos japoneses que me inspirou a continuar meus estudos da língua.

À Prof. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá também pela disponibilidade, atenção e gentileza em me ajudar a chegar nesse tema.

Ao meu amigo Gabriel da Câmara por me dar forças e trocar experiências sobre o processo de construção do trabalho que foram de grande ajuda.

A todos os professores do curso de Letras Japonês da UnB com os quais tive contato; figuras inspiradoras que mudaram meu modo de ver a língua e a cultura japonesa, foi através deles que pude adquirir esse imenso apreço pela língua japonesa e essa vontade de fazê-la parte de minha vida até meus últimos dias.

A todos aqueles que contribuíram para esse trabalho em maior ou menor grau.

Dedico esse trabalho à minha  
mãe e meu padrinho que não  
mediram esforços para nada na  
minha vida, e me deram um  
senso de que a coisa mais  
valiosa é aquela a qual nos  
esforçamos para alcançar.

## RESUMO

Esse trabalho monográfico trata da análise da classe de palavra específica da língua japonesa, os *verbos adjetivos*, apresentada pelo padre João Rodriguez da Companhia de Jesus. O objetivo é analisar como se dá o processo pelo qual ele passa, qual a base usada e quais os argumentos lançados para mostrar a diferença entre os verbos adjetivos e os nomes adjetivos, para provar que essa é uma classe de palavra peculiar da língua japonesa, que se difere do português. A justificativa para esse tema é a crença de esta ser uma questão importante para a análise da língua japonesa e também para um melhor aprofundamento quanto a essa particularidade por parte dos alunos de língua japonesa como língua estrangeira. As classes de palavras denominadas *keiyôshi* e *keiyôdoshi* pela gramática japonesa desempenham similar papel ao do adjetivo na língua portuguesa e, por conta disso, são comumente traduzidas como adjetivos, ignorando seu caráter flexional entre outras características que o distanciam do adjetivo e o aproximam do verbo como classe de palavra. Para a realização deste trabalho foi usado o método de levantamento bibliográfico. Constata-se que os verbos adjetivos, quando comparados com a língua portuguesa, são de fato uma classe verbal por se comportarem como um verbo e não um adjetivo em sua natureza, mas possuem também uma característica de qualificador.

**Palavras-chave:** Verbos adjetivos, Gramática, Língua Japonesa, *Keiyôshi*, *Keiyôdoshi*

## ABSTRACT

This monograph deals with the analysis of the word class of *verbos adjetivos* by Society of Jesus' Father João Rodriguez. The goals are to analyze the process it goes through, what Rodriguez's basis are and what arguments he makes use of to show the difference between *verbos adjetivos* and *nomes adjetivos* - to prove that this is a peculiar word class of the Japanese language, which is different from the Portuguese language. The justification of this theme is the belief that this is a very important point for the analysis of the Japanese language, also for a better acknowledgement of such peculiarity by the foreign students of the Japanese language. The word classes named by the Japanese grammar as *keiyôshi* and *keiyôdôshi* play a similar role to that of Portuguese adjectives and, because of that, are commonly translated as adjectives, ignoring their flexural character among other features that tell adjectives and verbs apart. Bibliographic study was used to carry out this work. It appears that the *verbos adjetivos*, when compared with the Portuguese language are, in fact, a verbal class due to its behavior as a verb, not as an adjective in its nature, but also have a qualifier characteristic.

**Keywords:** Adjective verbs, Grammar, Japanese Language, *Keiyôshi*, *Keiyôdoshi*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I: Portugal, Japão e a Companhia de Jesus</b> .....	<b>10</b>
I.1 – O surgimento da Companhia de Jesus .....	11
I.2 – Século XVI: Portugal e o “descobrimento” do Japão .....	12
I.3 – A Companhia de Jesus no Japão.....	14
I.4 – João Rodriguez .....	16
<b>CAPÍTULO II – A Arte da Lingoa de Iapam e os verbos adjetivos</b> .....	<b>20</b>
II.1 – Arte da Lingoa de Iapam .....	20
II.2 – Os verbos adjetivos .....	23
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

A Era dos Descobrimentos, movimento exploratório de novas terras com início no século XV com Portugal como seu grande líder, marca uma época de descobertas e comparações culturais em escala global. Aliado a esse grande evento de descobertas, a Companhia de Jesus viu a chance de expandir a fé católica em meio aos povos bárbaros distantes. Os devotos missionários, a mando da Igreja Católica, iam em direção a terras distantes, culturas exóticas e línguas estranhas com o objetivo maior de reunir novos seguidores da fé cristã que enfrentava, nessa época, um movimento de reforma cuja rápida expansão tornava-o cada vez mais popular e, conseqüentemente, mais perigoso para a hegemonia católica na Europa. É se pondo em um contexto social, cultural e religioso muito diferente e distante do seu que os jesuítas buscavam combater o avanço do Protestantismo e a popularização da doutrina católica.

Foi então no século XVI, distantes de sua terra, que os portugueses descobriram o arquipélago japonês e, em meio a grandes turbulências nessas terras, dão início ao primeiro comércio entre Japão e Europa, trazendo inovações ao solo nipônico que serviram como grande trampolim para um salto no seu desenvolvimento, um salto muito considerável que não se via desde sua primeira interação com a China.

A Companhia de Jesus deu início aos seus trabalhos missionários no Japão em 1549, dedicando-se à conversão dos japoneses, porém para que isso fosse realizado com eficácia, uma necessidade se fazia urgente: dominar a língua japonesa. É então que, a partir da intervenção de Alessandro Valignano, o estudo do japonês assume um caráter obrigatório e sistemático na formação dos missionários que estavam em serviço no Japão.

A análise da língua japonesa na época missionária tem como grande nome João Rodriguez, padre jesuíta que elaborou a primeira gramática descritiva da língua japonesa em português, a *Arte da Lingoa de Iapam*, obra que traça uma análise do japonês seguindo as bases da gramática latina vigente, partindo das proposições descritivas e metalinguísticas referentes às formas de descrição com base no modelo gramatical greco-latino da Antiguidade ocidental (BATISTA, 2015). É dentro desse trabalho de estudo linguístico para o benefício das missões jesuíticas no

Japão que Rodriguez traz em sua descrição do japonês o ponto principal de motivação para a execução desse trabalho monográfico.

O presente trabalho visa analisar, dentro da referida obra de João Rodriguez, o capítulo que nos apresenta uma peculiaridade da língua nipônica, e que é alvo de discussão até os dias atuais entre os gramáticos da língua japonesa no que toca a uma de suas subclasses, a classe de palavra nomeada por ele de *verbos adjetivos*. Rodriguez nos traz, através de uma abordagem instrumental, argumentos que provam como classe de palavra distinta a existência dos *verbos adjetivos* e que se diferem dos *nomes adjetivos*. A existência dessa classe de palavra e seu lugar na taxionomia gramatical como classe unitária ainda causa discordância até hoje mesmo em meio aos gramáticos modernos, o que se reflete no ensino da língua japonesa como língua estrangeira.

Justamente por haver essa discussão que este trabalho foi realizado, o principal intuito é buscar nessa obra de João Rodriguez, por ser a primeira gramática descritiva da língua japonesa, os meios e fatos linguísticos que ele utilizou não somente para destacar os *verbos adjetivos* dos *nomes adjetivos*, mas para fundamentar sua posição como classe de palavra distinta, levando em conta as características aglutinantes da língua japonesa, bem como seu caráter flexional.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos, cada qual com seus subcapítulos visando um embasamento histórico para apresentar a *Arte da Lingoa de lapam* e a análise do tema principal, os *verbos adjetivos*. O primeiro capítulo trata da contextualização histórica, o panorama da época em que o trabalho de João Rodriguez foi realizado. João Rodriguez era um missionário jesuíta e portanto sua linha de pensamento e contexto de trabalho estavam permeados de influências da Companhia de Jesus. Para melhor entender em que meio se deu sua descrição da língua japonesa o primeiro capítulo tratará do panorama histórico até sua chegada ao Japão. O segundo capítulo tratará de sua obra *Arte da Lingoa de lapam* e a análise propriamente dita dos verbos adjetivos que segue no subcapítulo.

## CAPÍTULO I: PORTUGAL, JAPÃO E A COMPANHIA DE JESUS

Esse capítulo foi segmentado em vários tópicos com a finalidade de tornar mais clara, e ao mesmo tempo mais curta e objetiva, a explicação do panorama histórico em que se deu o surgimento da Companhia de Jesus, seguida do descobrimento do Japão pelos portugueses que introduziram essa instituição em solo nipônico, dando início ao século cristão japonês. Foi também um século permeado de estudos linguísticos realizados pelos missionários, estudos esses que nos levarão à pessoa de João Rodriguez, autor de *Arte da Lingoa de Iapam*, em que se insere o capítulo a ser analisado neste trabalho.

Tendo em vista que, assim como qualquer outra instituição, a Companhia não nasceu do nada e teve todo um plano ideológico para fundamentar sua criação e também para alavancar suas atividades ao redor do mundo, é através do entendimento das diretrizes e objetivos dessa companhia que será possível compreender a finalidade dos documentos escritos e publicados durante as missões cristãs no Japão do século XVI.

Todos os tópicos apresentados abaixo vão contextualizar parte do pano de fundo missionário em que o padre João Rodriguez está inserido. É de fundamental importância que haja essa cronologia desde o nascimento da Companhia de Jesus até o trabalho linguístico realizado por esse padre missionário, que, à luz da gramática latina, analisou o caráter verbal da classe do *keiyôshi*, donde o termo por ele adotado de *verbos adjetivos* e que será o foco do trabalho, a ser tratado mais à frente.

## I.1 – O surgimento da Companhia de Jesus

No início do século XVI, com o lançamento das Cinco Solas<sup>1</sup>, o ex-monge agostiniano Martinho Lutero dava início à Reforma Protestante onde acusava diversos pontos na doutrina da Igreja Católica Romana de impróprios e passíveis de revisão. Com o avanço da imprensa, a doutrina luterana se expandia rapidamente por toda a Europa e foi em um contexto de contra-reforma que surgiu a Companhia de Jesus, como uma força motora para combater a popularização do protestantismo.

Inácio de Loyola, espanhol que fez votos de pobreza e de castidade, acompanhado de outros seis estudantes universitários e munido de todo um idealismo reformista que foi uma das principais características da Igreja no século XV, propôs a criação de uma nova instituição religiosa, a Companhia de Jesus, reconhecida pelo papa Paulo III em 1540. Sob o lema de defender a fé, Inácio visa com essa instituição uma maior propagação da fé cristã católica e também o amadurecimento e progresso da fé, para tanto, agregando os votos de pobreza, castidade e obediência. A Companhia de Jesus reforça o aspecto de apostolado sacerdotal enviando seus membros às mais diversas localidades do mundo para não só evangelizar mas também educar, criando colégios e seminários, donde o aspecto educacional da instituição.

O Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, mostra bem o plano de fundo em que se deu a criação dessa instituição religiosa, que era formar padres capazes de lutar contra a propagação do protestantismo, dispostos a exercer atividades missionárias em localidades muito distantes do seu contexto de vida habitual, focando no fortalecimento espiritual e intelectual dos padres e aprofundando o conhecimento científico destes, com a finalidade de esquivar-se do tradicionalismo que permeava sua formação. A partir desse contexto, são criados, na Europa e na Ásia, diversos estabelecimentos que visam o trabalho educacional, pesquisas culturais e intelectuais e a formação de novos fiéis em locais onde o catolicismo ainda não tinha sido difundido ou em que sua presença era fraca.

---

<sup>1</sup> São as bases para o pensamento teológico reformista que deu origem ao protestantismo, constituído de princípios que servem como pedra angular para a fundamentação desse movimento, indo contra os ensinamentos da Igreja Católica Romana e contra a figura do Papa.

A obediência absoluta à doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana possibilitava a geração de teólogos capazes de enfrentar as adversidades das novas terras descobertas durante a Era dos Descobrimentos, catequizando os povos “bárbaros” e aumentando, assim, a influência da Igreja Católica, ajudando no movimento de contra-reforma.

Devido ao forte caráter educacional da instituição, os jesuítas, assim chamados os membros da Companhia de Jesus, prestavam serviços a filhos de grandes famílias influentes por toda a Europa e serviam de conselheiros espirituais, como teólogos, para reis.

## **I.2 – Século XVI: Portugal e o “descobrimento” do Japão**

No século XV, dava-se início à Era dos Descobrimentos. Portugal e Espanha iniciaram o desbravamento dos mares em busca de novas terras e do caminho para as Índias, com o objetivo de ter acesso direto a tudo o que se comercializava na Europa vindo do Oriente, sujeito a taxas exorbitantes por aqueles que tinham acesso à Ásia e retinham o monopólio dessas mercadorias. Isso principalmente pelo fato de a passagem para o Oriente ser o Mar Mediterrâneo, rota de comércio e transporte que era dominada por Veneza e Gênova.

Alimentados pela ambição por poder e riquezas, os reis absolutistas estimularam as explorações marítimas motivados pelo interesse de achar, em terras desconhecidas, especiarias, tesouros e mercadorias inexistentes na Europa. Encontrar novos caminhos para as Índias era um de seus maiores objetivos pois isso significava acesso direto às mercadorias esquivando-se, assim, das taxas cobradas pelos italianos.

Nesse contexto inseria-se também o interesse da Igreja Católica Romana principalmente pelo descobrimento de novas terras. Influente como era nessa época, novas terras significavam novas pessoas que poderiam ser catequizadas e inseridas no cristianismo, podendo ter assim mais fiéis e, por conseguinte, mais influência no mundo.

As navegações exploratórias eram uma grande aposta para os burgueses e a nobreza de Portugal nos séculos XV e XVI que investiam seus recursos esperando grandes lucros através desse empreendimento marítimo. Portugal já possuía

experiência marítima maior do que a da Espanha e outros países da Europa. Essa experiência vem das navegações com caravelas que eram produzidas pelos portugueses e que está intimamente ligada aos estudos marítimos efetuados naquele país.

Com esse vasto leque de vantagens, Portugal alcançou o pioneirismo nas navegações exploratórias da Era dos Descobrimentos, tornando-se a maior potência econômica dessa época.

No Extremo Oriente, o Japão enfrentava, desde a metade do século XV, uma situação muito instável dentro de seu território. Durante cerca de cem anos, o Japão foi assolado por incessantes campanhas que destruíram qualquer semblante de união que pudesse ter existido entre os feudos e clãs em disputa pela hegemonia. O Japão havia entrado em uma guerra que duraria dez anos, conhecida como Guerra de Ônin (1467 – 1477), uma batalha que inicialmente envolveu uma disputa entre diferentes linhagens dos Ashikaga pelo cargo de xogum, envolvendo dois clãs de conselheiros xogunais, os *shikken* Hosokawa e Yamana, e depois se alastrou por toda a capital. Com o avanço destrutivo desse combate, que se estendeu depois por todo o Japão, ambos os clãs foram devastados e qualquer aspecto de união nacional foi destruído. Essa batalha culminou no *sengoku jidai* ou Período dos Estados Beligerantes (1467 - 1568). Após o declínio do xogunato Ashikaga, os *daimyô*, senhores feudais, foram acumulando exércitos e, na ambição de expandir seus domínios, travavam guerras entre si para obter posse de qualquer território que pudessem invadir. Porém, mesmo tomando o poder para si não se mostraram capazes de manter as rédeas do país, sustentando-o como uma unidade nacional, e transformaram o arquipélago em um lugar inseguro, com cerca de 100 feudos em batalha constante mergulhando o Japão em um caos completo. Foi no final desse período de guerras que o Japão veio a ter seu primeiro contato com os europeus, especificamente os portugueses.

Apesar de não haver uma data precisa da chegada dos portugueses, foi no século XVI quando o Japão iniciava seu processo de reunificação nacional após esse longo período de batalhas, que os portugueses atracaram em Tanegashima dando início ao comércio entre Portugal e Japão. Esse foi então o primeiro contato direto dos europeus com o povo japonês. De um lado, a estranheza portuguesa para com os japoneses e seus costumes; de outro, o fascínio destes para com as tecnologias nunca vistas antes em terras nipônicas, a citar a pirobalística com o

arcabuz. Esse tipo de arma era uma novidade em terras japonesas e, pela vantagem em combate que concediam, tornou-se um importante fio condutor para o estabelecimento do comércio privado dos senhores dos feudos do sul com Portugal (SUZUKI, 2014, p. 66). O arcabuz, então, tem papel de destaque no processo de reunificação da nação pois armava os exércitos com uma vantagem bélica.

A interação com os portugueses trouxe aos japoneses não somente a inovação da arma de fogo, mas também apresentou a eles conhecimentos científicos tais como a matemática, a arte da navegação, a astronomia, a geografia, a impressão gráfica, entre outros, que ajudaram a solidificar o mercado entre as duas nações. Todos esses avanços reunidos podem ser considerados um salto para o desenvolvimento japonês que até então tinha seus contatos além-mar restritos à Ásia, sobretudo a China. Aliado a isso, houve a introdução do cristianismo no Japão, dando início ao período conhecido como o século cristão japonês. Poucos anos depois, a Companhia de Jesus chega ao Japão pela pessoa do padre Francisco Xavier, dando início aos seus trabalhos missionários em solo nipônico, que vão desembocar nos estudos linguísticos que serão discutidos mais à frente.

### **I.3 – A Companhia de Jesus no Japão**

Francisco Xavier foi o missionário da Companhia designado para ir em missão à Ásia e o primeiro jesuíta na Índia. Seu trabalho missionário estendeu à Malaca e logo ao Japão, onde foi autorizado a aportar em 15 de agosto de 1549, em Kagoshima, na ilha de Kyûshû.

Após uma tentativa fracassada de Francisco Xavier para ser recebido pelo imperador, ele deu continuidade aos seus trabalhos missionários em Kyûshû onde convertia famílias pobres de aldeias diversas, seguindo um dos propósitos desta Companhia. Mas percebendo a forte relação de vassalagem que havia no Japão, Xavier e os missionários acreditavam que converter as classes superiores, como a classe guerreira dos samurais e os estratos mais elevados na pirâmide social, poderia dar resultados mais eficazes para uma maior conversão dos japoneses.

A pirobalística introduzida no Japão com o arcabuz chamou a atenção de Oda Nobunaga, um poderoso *daimyô* do período *sengoku*, em quem a Companhia de Jesus encontrou apoio para seu trabalho de evangelização. Tendo já conquistado

vários feudos e ocupado a capital, de onde depusera os Ashikaga do poder, Nobunaga se interessava pelas novidades trazidas pelos portugueses e, sob sua proteção, ele permitiu que o catolicismo avançasse e se consolidasse em seus territórios conquistados.

Sob a conciliação de Nobunaga à fé cristã, apesar de não se converter a ela, os padres jesuítas tinham proteção contra os *bonzos* que não só eram bastante agressivos contra a fé católica e impunham obstáculos no processo de catequização das classes superiores da sociedade, mas também impunham forte resistência aos avanços de Nobunaga. É nesse cenário em que a Companhia de Jesus vê seus trabalhos sendo barrados pelas doutrinas religiosas já existentes em solo japonês, que o padre visitador Alessandro Valignano adentra o Japão e vai impor mudanças na condição das missões da Companhia.

Valignano tinha como principal objetivo, obviamente, a transmissão da doutrina cristã estabelecendo, porém, uma relação de respeito para com a cultura local. Ao presenciar o trabalho desenvolvido por Francisco Cabral, Vice-provincial e superior da Companhia de Jesus no Japão, que ia contra essas suas premissas, o Padre Visitador decide criar instituições de ensino que pudessem sobretudo treinar jovens convertidos no Japão para a construção de um clero local. São essas instituições: os seminários, encarregados de prover a educação basilar dos jovens, a começar do ensino do latim e do japonês; os colégios, que eram destinados à formação humanística avançada, e os noviciados, destinados à construção do clero local através do ensino avançado das doutrinas católicas. (SUZUKI, 2014, p. 70)

Nascido em Chietti em 1539, Valignano entrou para a Companhia de Jesus em 1566, foi nomeado padre visitador das Índias Orientais em 1573, com a finalidade de supervisionar o andamento da catequização da fé cristã no Oriente. E, em 1579, na primeira das três visitas realizadas ao Japão, ele pode notar uma disparidade entre os documentos que relatavam uma situação alvissareira da evangelização no Japão e o que de fato acontecia. Sob o comando do vice-provincial Francisco Cabral, o ensino do cristianismo e a evangelização do povo era dada de uma maneira pouco contextualizada com a realidade cultural do povo japonês, os valores europeus eram impostos aos japoneses e pouco esforço se fazia para se aprender sua língua.

Os trabalhos missionários que também constituíam-se da educação dos plebeus deu origem no Japão a inúmeros colégios dedicados à alfabetização e ao

ensinamento das diretrizes doutrinárias da igreja católica. Órfãos e filhos de famílias pobres buscavam a Companhia de Jesus com a finalidade de ingressar em seus colégios e seminários para que pudessem ter uma educação regular, gratuita. Jovens europeus, foram enviados para esses colégios no exterior para que pudessem completar sua formação. Logo inúmeros nativos japoneses foram batizados e tornavam-se seminaristas, recebendo conhecimentos da língua latina, música e escrita.

Com base nas informações dadas por Elison em sua tradução de *Distribuição das horas para os mínimos do seminário*, a agenda das atividades direcionadas ao alunos desses seminários e colégios era detalhadamente definida, com horário para todas as atividades, em todos os dias da semana, e dependendo da estação do ano havia uma mudança nos horários e atividades devido às variações climáticas. Dentre as atividades incluem-se também aquelas de cunho religioso que envolviam orações próprias da igreja católica. As horas eram minuciosamente atribuídas para todas as atividades, inclusive para recreação, alimentação e descanso, sendo marcados encontros regulares com seus mestres de latim e japonês que supervisionavam e orientavam seus estudos e progresso. Aos alunos mais aplicados era também dada a tarefa de ajudar os mais jovens e a prática regular da atividade em que se destacavam, a exemplo os instrumentos musicais e canto. Finais de semana e feriados também possuíam agendas específicas, apesar de menos intensas em relação a atividades escolares (ELISON, 1991, p. 408-409).

#### **I.4 – João Rodriguez**

Consta que junto a Valignano viajava em sua ida à Ásia, o jovem João Rodriguez<sup>2</sup>, dado como nascido em 1561<sup>3</sup>, cujo trabalho no Japão, no âmbito linguístico, constitui a primeira descrição gramatical da língua japonesa existente. A origem e infância de João Rodriguez é incerta mas sabe-se que, quando

---

<sup>2</sup> Muito pouco se sabe sobre a origem e infância de João Rodriguez, assim como pouco é sabido sobre sua chegada ao arquipélago japonês, algumas fontes referem-se à sua chegada anterior à de Valignano. Informações sobre esse período de sua vida, quando existem, são nebulosas.

<sup>3</sup> PRAZERES, 2012, p. 4.

supostamente partilhou a mesma nau que Valignano, ele devia ter por volta de 14 ou 15 anos. Rodriguez foi um dos jovens missionários portugueses aceitos pela Companhia de Jesus enviado ao Oriente com a finalidade de concluir sua formação e se dedicar ao trabalho de catequese.

Era muito comum os jovens missionários em processo de formação, como Rodriguez, durante as cerimônias católicas serem designados para um papel de auxiliar o celebrante nas atividades litúrgicas próprias do rito. Além de servirem como cerimoniários, esses jovens, em terras distantes, aprendiam o idioma local com muita facilidade e alguns acabaram se tornando intérpretes, como ocorreu com Rodriguez em grande destaque. Seu trabalho como intérprete, em acompanhamentos frequentes para visitas à corte e a autoridades xogunais da época realizadas tanto por padres quanto por mercadores portugueses, deu a ele o codinome *tçuzzu* (intérprete). Rodriguez também foi o intérprete oficial de Valignano em suas viagens dentro do Japão.

O padre visitador Valignano, em sua segunda vinda ao arquipélago em 1590, traz consigo uma máquina tipográfica. Depois de sua primeira visita e da fundação dos colégios e seminários jesuítas no Japão, Valignano queria mostrar para a Europa o quão frutífera estava sendo a evangelização do povo japonês pela Companhia e também proporcionar aos jovens nativos uma imersão na cultura cristã européia e, para tal, é criada a *embaixada dos jovens cristãos* formada por quatro jovens convertidos, escolhidos a dedo entre os melhores alunos do seminário por ele instituído em Arima. Valignano estava a caminho da Europa acompanhando a *embaixada*, porém foi obrigado a permanecer em Goa por ter sido nomeado Superior da Companhia de Jesus das Índias Orientais. Tendo em vista a premissa anteriormente citada de Valignano em relação à educação dos jovens e aprendizado da língua japonesa, ele ordena que se traga uma prensa quando a *embaixada* retornasse da Europa, com o intuito de imprimir textos que também visassem a educação basilar dos jovens (SUZUKI, 2014, p. 71).

Com a chegada da prensa ao Japão, em 1590, é que podemos ter um primeiro apanhado do estudo linguístico realizado por Rodriguez em sua *Arte da Lingoa de lapam* que reúne, não somente a descrição da língua japonesa, mas também apanhados culturais e informações úteis aos padres jesuítas e mercadores portugueses. Documentos cristãos em língua japonesa e portuguesa começaram a ser impressos. Dentre esses documentos publicados no Japão pela Companhia fica

claro entender que, devido ao caráter de pregação do evangelho da instituição, muitos são de contexto religioso. A doutrina e o dogma da fé católica mais o latim eram de primordial interesse para a finalidade catequética visada pela Companhia de Jesus.

O quadro<sup>4</sup> abaixo ilustra o apanhado, entre um total de 28 textos, das obras publicadas sem cunho religioso e voltado ao ensino e descrição da língua japonesa. Para exercer um trabalho de evangelização eficaz era necessário que os padres jesuítas e missionários enviados para o Japão tivessem acesso a materiais que facilitassem um aprendizado rápido da língua local, principalmente para poderem pregar com eficácia as doutrinas cristãs e explicar as histórias bíblicas para o povo, assim como os japoneses catequizados pudessem ter um aprendizado da língua latina.

**Quadro 1** – lista de obras não religiosas publicadas no Japão

	TÍTULO	LÍNGUA	ANO	LOCAL
1	<i>Feiqe Monogatari</i>	JR	1592	Amakusa
2	<i>Esopono Fabvlas</i>	JR	1593	Amakusa
3	<i>De Istivtione Grammatica</i>	JR/L/P	1594	Amakusa
4	<i>Dictionarivm Latino Lusitanicvm ac Iaponicvm</i>	JR/L/P	1595	Amakusa
5	<i>Qincv xv</i>	JR	1593	Amakusa
6	<i>Vocabvlario da Lingoa de Iapam</i>	JR/P	1603-4	Nagasaki
7	<i>Racuyoxv</i>	J	1598	?
8	<i>Arte da Lingoa de Iapam</i>	JR/P	1604-8	Nagasaki

Dos oito textos apresentados acima, três (6, 7 e 8) possuem um caráter de formação linguística uma vez que o domínio do japonês era um ponto muito visado por Valignano. Os dois primeiros livros da tabela são textos traduzidos para o japonês falado com o intuito de proporcionar aos europeus um pouco da história e modo de pensar do povo japonês (livro 1), já o segundo tem a finalidade contrária, apresentar aos japoneses os valores da civilização europeia (livro 2). Dentre estes, a

<sup>4</sup> As abreviações referem-se a: JR – japonês romanizado; J – japonês; P – português; L – Latim (SUZUKI, 2014, p. 72-73)

*Arte da Lingoa de Iapam* é a que detém o destaque por ser um escrito detalhado do funcionamento da língua japonesa, debruçando-a em suas características mais peculiares. Os textos 3 e 4, manual de língua e dicionário, eram direcionados ao aprendizado do latim e o texto 5 é um compêndio de aforismos chineses e japoneses.

A *Arte* trata-se de uma gramática descritiva elaborada a partir dos estudos realizados por Rodriguez e também da análise de anotações acerca da língua efetuadas por outros companheiros jesuítas.

(...) *me ordenarão os mesmos Superiores que compuzesse esta Arte, na qual alem das conjugações, & rudimenta, se declaraffem cõ a facilidade possivel as regras, & preceytos que ensinão a falar certo, & com elegancia: no me ajudey de algũas annotações, que acerca desta materia algũs Padres noffos tinham feyto, & andauão escritas de mão, ajuntando outras várias coufas que em defcurfo de muytos annos tinha advertido (...)*  
(RODRIGUEZ, 1976, p. 9-10)

Já no início de seu livro, na seção intitulada *Algũas advertencias pera mayor intelligencia do que nesta Arte se trata*, ele cita, por exemplo, as diferenças entre as leituras chinesa e japonesa dos ideogramas, as diferenças entre o estilo da escrita e da fala. Será tratado no próximo capítulo um dos aspectos de grande destaque nessa *Arte*, o que João Rodriguez nomeia como *verbos adjetivos*, uma classe de palavra apresentada por ele que até hoje causa grande discussão no meio acadêmico.

## CAPÍTULO II – A ARTE DA LINGOA DE IAPAME OS VERBOS ADJETIVOS

### II.1 – Arte da Lingoa de Iapam

Como foi citado no capítulo anterior, a gramática descritiva elaborada por João Rodriguez “Tçuzzu” com a ajuda de companheiros nativos, intitulada *Arte da Lingoa de Iapam*, foi um dos livros impressos no Japão pela Companhia de Jesus e que se destinava exclusivamente à descrição e análise da língua japonesa e seu uso. É interessante destacar que essa foi a primeira gramática da língua japonesa na história, porém outra coisa que chama a atenção, logo no início, é o título do trabalho. Apesar de, *grosso modo*, aparentar ser uma gramática, a nomenclatura “arte” na verdade dá-se pelo fato de a obra não se tratar de uma gramática epistemológica mas de carregar um teor mais prático, uma vez que seu objetivo era ajudar os missionários a terem uma rápida assimilação da língua e assim poderem evangelizar com mais facilidade e eficácia. (SÁ, 2010, p. 5)

Durante a Era dos Descobrimentos, os jesuítas estiveram engajados na descrição de várias línguas exóticas através de seus estudos que culminaram nas artes de gramática, um processo que não ocorreu somente no Japão mas também em outros países da Ásia, da África e da América, em um exemplo mais próximo o Brasil colonial. Essas gramáticas tratavam a língua de uma maneira instrumental desvinculando-se de aspectos cientificistas, a citar como exemplo as produzidas no Brasil durante o século XVI e XVII, as quais também têm como plano de fundo a linguística missionária. (BATISTA, 2005)

Essa obra, assim como todas as outras produzidas pelos jesuítas no Japão<sup>5</sup> na época, necessitava da autorização da sede da Companhia de Jesus, na Europa, para sua publicação, o que dificultava a produção de mais documentos e também de algumas informações bibliográficas como o local de impressão. Falta de tais dados, como nota-se no quadro do capítulo anterior a ausência do local de impressão da

---

<sup>5</sup> A linguística missionária foi um dos grandes propulsores para a produção de inúmeros materiais que visavam o aprendizado da língua ao redor do mundo, durante a Era dos Descobrimentos. Compunham essa bibliografia, além das citadas artes de gramática também os livros de vocabulários e dicionários (BATISTA, 2005), como as obras números 3 e 4 citadas no Quadro 1, p. 17.

obra *Racuyoxv* pode ser atribuída à perseguição aos portugueses missionários, a partir do édito anti-cristão promulgado em 1587, por Toyotomi Hideyoshi. Entre 1596 e 1600, os locais de impressão dos documentos feitos pela Companhia de Jesus não constam, o que pode caracterizar um período de forte repressão ao cristianismo, razão pela qual os missionários não podiam permanecer durante muito tempo em um local só, obrigando-os a transferir a prensa constantemente.

Quanto ao objetivo pelo qual o livro foi elaborado, Rodriguez deixa claro no Proemio que era desenvolver o conhecimento da língua local para ajudar os missionários em sua tarefa de catequização.

*Como feja proprio do inftituto da Cõpanhia de IESV ajudar o Proximo, & defcorrer por varias partes do mundo trazendo as almas ao verdadeyro conhecimento de feu criador, pera ifto fe tenha por meyo neceffario faber a lingoa daquelles com que tratamos (...) que hefabida a lingoa ajudar a cõuerfam defta nação, & cultiuação da Chrisftandade, a mayor Gloria de Deos noffo Jenhor, por cujo amor, das almas tomamos efte pequeno trabalho.*(RODRIGUEZ, 1976, p. 9-10)

Fechando o Proemio, o autor inicia a abordagem da língua japonesa, em português, apresentando os exemplos em japonês romanizado. Como a prensa que tinha sido instalada no Japão em 1590 tinha vindo da Europa, obviamente não havia caracteres japoneses para a impressão, levando a que os missionários romanizassem o japonês. Esta é a razão de as primeiras publicações no Japão terem sido impressas em tipos romanos, mesmo os documentos em japonês. (SUZUKI, 2014, p. 76)

A *Arte* é dividida em três partes<sup>6</sup> onde ele trata, na primeira, aspectos pertinentes à escrita e gramática da língua como classes de palavras, construção da oração e o conjunto de regras que permeiam a língua japonesa. O segundo livro segue tratando de questões de morfologia, com incursões pela sintaxe e trata de coisas peculiares da língua japonesa tais como o tratamento, questões dialetais, interjeições e formas nominais do verbo.

---

<sup>6</sup> TABOADA DO QVE SE CONTEM nestes livros da *Arte Iapoa*, essa parte da obra apresenta o sumário do que é tratado em cada livro. (RODRIGUEZ, 1976, p.482 - 483)

O terceiro livro apresenta uma distinção dos dois anteriores, pois aborda questões mais voltadas à língua em sua prática tais como a maneira de contar, muito importante para os mercadores portugueses por envolver diretamente a contagem de suas mercadorias em geral, o método usado para a contagem do tempo e para a indicação de direções, cobrindo também tópicos relativos à escrita e aos signos chineses que representavam as horas no Japão.

A *Arte da Lingoa de Iapam* é, como já foi apontado, bastante descritivo, baseando-se na gramática do latim para estabelecer comparações e explicar as funções e classes de palavras do japonês. É possível notar que essa era a base do padre João Rodriguez pela maneira como ele se expressa em relação à língua japonesa ainda no começo da obra, na parte intitulada *Alguas advertencias pera mayor intelligencia do que nesta Arte se trata*, considerando “defectos” as categorias gramaticais ou formas de flexão inexistentes na língua japonesa quando comparada com o latim.

*E posto que esta lingoa em algumas coufas seja defectuofa por carecer em os nomes de variedade de casos; & não terem distincção de numero plural, & singular, nem de genero, & verbos carecem de variedade de peboas, & de plural, & singular, & por outros defectos que não se achão nas lingoas de Europa(...)(RODRIGUEZ, 1976, p.12)*

Quando se refere à gramática latina como base para estabelecer a comparação com o idioma japonês, é levada em consideração para essa análise a gramática do latim elaborada pelo humanista português Manuel Álvares (1526-1583). Devido ao seu sucesso como professor do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, a Companhia de Jesus encarregou-o da elaboração de uma gramática da língua latina, essa que se tornou mandatória para o ensino do latim nas instituições jesuítas em todo o mundo. Para reforçar a decisão da Companhia de adotar a gramática de Álvarez há o fato de que esta foi elaborada visando uma sistematização linguística e com grande importância político-pedagógica.

Essa gramática intitulada *De Institutione Grammatica Libri Tres*, era constituída por três livros: *De Etymologia*, *De Syntaxi* e *De Prosodia*. Foi publicada também no Japão, com o título de *De Institvtione Grammatica*, (vide Quadro 1) para que não só os jovens europeus que eram enviados para lá como noviços ou missionários, como os nativos convertidos também pudessem ter uma formação em

língua latina, a fim de completar a formação humanística daqueles, e sedimentar as bases destes com vistas à criação de um sólido clero local.

## II.2 – Os verbos adjetivos

A ideia da análise de uma classe gramatical que possui ambas as características de um adjetivo no que se refere a qualificar o substantivo, e de um verbo, no que diz respeito à propriedade flexional e propriedade predicativa, é pela primeira vez tratada por Rodriguez em sua *Arte*, no capítulo que leva o título de *De como se deuem chamar verbos os que ategora corriam por nomes adjectiuos*<sup>7</sup>, inserido no primeiro livro de sua obra. Durante o capítulo em que trata dos verbos e suas formas de flexão (1976, p. 101), que denomina “conjugação”, ele já mostra a sua intenção de explicar essa peculiaridade da língua japonesa, introduzindo a denominação *verbo adjetivo* no momento em que está prestes a explicar as flexões dos verbos terminados em *ai*, *ei*, *ij*, *oi* e *ui*. Essa introdução bem antecipada aos *verbos adjetivos* já apresenta uma explicação resumida do por que esses verbos são assim nomeados por Rodriguez. Sua capacidade de se flexionar como um verbo, e ainda manter um caráter de adjetivo torna-se motivo para um capítulo dedicado à sua descrição que começa na folio 61, correspondente à página 133 da versão impressa de 1976.

Segundo Rodriguez, o que era conhecido como adjetivo pelos seus colegas que fizeram anotações e estudos acerca da língua japonesa, são na verdade verbos. Isso pois essa classe de palavra, denominada pelos modernos gramáticos da língua japonesa como *keiyôshi* e *keiyôdôshi*, abarca a função semântica do adjetivo, como qualificador, e comporta-se como verbo pois se flexiona e desempenha a função predadora.

*Ategora noffos primeyros Padres que ajuntaram alguns preceytos desta lingoa, tinham pera Ji que eram adjectiuos os verbos terminados em, Ai, ei, ij, oi, ui: fundados em que se explicão por elles muyto bem noffos adjectiuos. Toda via examinada a coufa, se acha serem verdadeyramente*

---

<sup>7</sup> *Fac simile* publicado em 1976, da versão original do século XVII cuja paginação adota os termos ‘folio.’ e folio v.’ para o verso e reverso da folha.

*verbos, que em seus significado compreendem juntamente o nome adjectivo(...). (RODRIGUEZ, 1976, p. 134)*

Essa concepção compartilhada pelos padres colegas de Rodriguez que tinham os *verbos adjectivos* como adjetivos somente, pode ser também explicada pelo teor comparativo da *arte*. Tendo a gramática latina de Álvarez como base para o estudo descritivo das línguas exóticas, nesse caso do japonês, é possível notar a busca por palavras cuja função na oração fosse similar ou equivalente às presentes em algum grupo da taxionomia gramatical do latim ou do português. Partindo desse ponto de comparação entre ambas as gramáticas, apesar da capacidade de se flexionar, esses *verbos adjectivos* modificam o nome de maneira a lhe dar um atributo, ou seja, caracterizando o que se conhece como adjetivo, portanto nada mais natural que esses primeiros estudiosos estrangeiros da língua japonesa tenham, por conveniência, considerado adjetivos.

O padre Rodriguez prova que a classe de palavra a que ele se refere é de fato um tipo de verbo.

*Pois sendo aβi que estes verbos tem tantas vozes, tempos, & modos proprios respondendo em tudo aos outros verbos (...), como se poderá dizer que são Nomes, & não verbos? (RODRIGUEZ, 1976, p. 135)*

O que traz a certeza a Rodriguez de que, esses antes conhecidos como adjetivos são, de fato verbos, é fundamentalmente o caráter flexional que apresentam. Os *verbos adjectivos*, segundo Rodriguez, possuem suas flexões assim como os verbos do português para as vozes passiva e ativa, indicativo, subjuntivo, imperativo além da presença do radical, características essas que são próprias do verbo e alheias ao adjetivo, em português. Para exemplificar e explicar sua posição ele desenvolve uma tabela com alguns *verbos adjectivos* e suas flexões, como segue.

Figura 1 – Tabela com alguns verbos e suas flexões

Fucō. Nō.	Ague.	Fucaro.	Nairo.	Aguro.
Fucai. } Nai. }		Fucaicoto.	Naicoto.	Agurucoto.
Fucaqui. } Naqui. }		Fucaima, vo, fito.	Naiua, vo, fito.	Agurua, vo, fito.
Fucaxi. } Naxi. }		M. fucaiō.	Nanaiō.	Naagueō.
Fucaquereba.	Naquerba.	Aguequereba.	Nanaiō caxi.	Naagueō caxi. <i>Vi, Fucaitomo a-</i>
Fucaini.	Naini.	Agunini.		<i>gaitomo mōfānu . i. Não disse nem que era alto, nem baixo, &amp;c.</i>
Fucaqueredomo.	Naqueredomo.	Aguequeredomo.		
Fucaito iyedomo.	Naito iyedomo.	Aguruto iyedomo.		
Fucaqutomo.	Naqutomo.	Agurutomo.		
Fucaito yūtomō.	Naito yūtomō.	Aguruto yūtomō.		
Fucaquereba tote.	Naquerba tote.	Aguequereba tote.		
Fucaitomo, l. tomamayo.	Naitomo, l. tomamayo.	Agurutomo, l. te-		
Fucainadeyo.	Nainadeyo.	Agurumadeyo.	(manayo.	
Fucaquua fucai madeyo.	Naquua naimadeyo.	Agueba, aguru madeyo.		
Fucaquua. } Naquua. }	Agueba.			
Fucaqūba. } Naqūba. }	Aguru narata.			
Fu . in . voitena.	Naini voitena.	Agurumi voitena.		
Fucōts. } Nōts. }	Ague.			
Fucaquēts. } Naquēts. }				

RODRIGUEZ, 1976, p. 130 - 131

Rodriguez segue, ao longo do capítulo, com uma série de exemplos em meio a sua discussão sobre o tema para demonstrar, em uso, como essa classe de palavras funciona. Esses exemplos são apresentados em japonês romanizado, grafado em tipos romanos, com a explanação em português, grafado em tipos itálicos, padrão que é seguido na composição desta e de outras obras que foram publicadas em versão bilíngue. A citar como exemplo: “Nai, Tai, catajiquenai, fidarui, foxij, nemutai, quemutai, tomanai, & outros *femelhantes que fãõ da mefma formaçãõ, quem dirã que nãõ fãõ verbos, que fignificãõ alguas ações animais? Pois fe o fãõ, tambem o fãõ todos os demais de fte gênero.*” (RODRIGUEZ, 1976, p. 130)

Ainda para reforçar o caráter verbal dessa classe de palavra, Rodriguez aponta a existência do radical nesses *verbos adjetivos*. Aqui parte-se do princípio de que Rodriguez compara essa característica verbal exclusivamente aos verbos da

língua portuguesa quando se refere a radical pois, no latim, os nomes adjetivos<sup>8</sup>, como foram nomeados por Álvarez, também possuem um radical<sup>9</sup>.

Ao tratar dos radicais, Rodriguez traz à discussão os verbos compostos do japonês, quando dois verbos se ligam para designar uma ação. Segundo ele, o primeiro verbo expressa o modo, a maneira como a ação é executada, enquanto o segundo, a este ligado, expressa a ação principal que sofre as flexões. Ele cita, por exemplo, *sashikorosu*, um verbo composto por *sasu*, perfurar; e *korosu*, matar. Ele se refere ao *sasu* como a raiz, o radical, indicando o modo pelo qual se mata (*korosu*) alguém e permanece como parte imutável da palavra, constituindo portanto o radical. Sendo a expressão do modo pelo qual se realiza a ação de “matar”, como ele mesmo argumenta, explica-se pelo advérbio por ele proposto em sua tradução para a língua portuguesa: *matar com estocada* (1976, p. 135). A conjugação deste verbo ocorre no verbo *korosu*, o último da sequência e que exprime a ação principal.

No mesmo capítulo, Rodriguez mostra o caráter verbal desses *verbos adjetivos*, com a ilustração de muitos exemplos em que desempenham funções similares às dos verbos. Mostrando que alguns daqueles que também fizeram anotações de teor analítico com relação à língua japonesa reconheceram o caráter de adjetivo apenas nos casos em que essa classe de palavra antecede o substantivo, o autor vai argumentar seu caráter verbal com exemplos de frases em que ela desempenha funções adverbiais, predicativas, modais exatamente como os verbos do japonês. Para ele, sua posição na frase, antecedendo ou não um substantivo, não muda sua classificação tampouco sua natureza.

*Por estes exemplos, & outros que ocorrem a cada passo, se corrige que estes verbos tem tambem supposto à parte poft, como dizem, & que fazem oração relativa com outros verbos: & se o concedemos a hus, porque não concederemos em todos, pois são da mesma natureza & formação? Donde tambem infa o que quer o substantiuo se posponha, quer se anteponha, que sempre são verbos, & que não ha razão efficaz para dizer que verbos tam claros não admitão supposto à parte poft, aßi como admitem à*

---

<sup>8</sup> Diz-se nome adjetivo pois, segundo Manuel Álvarez, em sua gramática o adjetivo é uma subdivisão do nome.

<sup>9</sup> Os nomes adjetivos, no latim, possuem uma parte radical que compõe a primeira parte da palavra, seguida por uma parte que varia de acordo com sua declinação em relação ao gênero. Ex: *res publica*, feminino concordando com *res*.

*parte ante: & que com lhes porem o Substantiuo à parte ante, lhes faz mudar a natureza de verbos em nomes, fjo por responderem direytamente a noffa linguagem do adjectiuo fem outra razão. (RODRIGUEZ, 1976, p. 136)*

Assim, constata-se uma separação dentro do capítulo. Desde seu início (1976, p. 133) até a parte intitulada *De como deſtes verbos adjectiuos, & de alguns outros verbos, & Nomes Substantiuos ſe formão outros verbos adjectiuos acabados em xij, & raxij* (idem, p. 137), Rodriguez apresenta provas de que os *verbos adjectivos* são verbos, com vários exemplos de flexões em diferentes situações que embasam sua afirmação. Rodriguez argumenta com a exemplificação do caráter flexional dos verbos adjectivos em suas diversas formas de conjugação, até a demonstração da existência de radicais, uma característica específica do verbo no português. Ao mostrar como um suposto “adjetivo” pode assumir uma natureza de portador de um radical, que se liga a outro verbo e se flexiona, ele apresenta todos os argumentos para provar que essa classe de palavra é um *verbo adjectivo* e não um *nome adjectivo*.

Com isso, é possível ver novamente o distanciamento do modelo de comparação e correspondência com conhecimentos gramaticais da língua latina e portuguesa usados como base para os estudos linguísticos do japonês. Além disso, nota-se em sua argumentação uma explicação das razões pelas quais os demais padres que estudavam o japonês se atinham a uma característica que seja similar à do latim ou do português, sem refletirem sobre as peculiaridades de uma determinada classe de palavra dentro da estrutura da própria língua, levando-os a explicações ou atribuição de nomes a partir de referenciais de sua língua nativa, como foi o caso dos companheiros de Rodriguez que denominavam o *verbo adjectivo* como *nome adjectivo*, isso pois era o que entendiam de sua função como classe de palavra, independente do comportamento dessa palavra na frase ser bastante distinta dos nomes adjectivos.

*(...)& pois eſta claro ferem verbos, muyto mais facil coufa he buſcar modo pera ſalvar alguma difficuldade que ſe offerece na explicação, quando ſe antepoem ao Subſtantivo, pois ſe pode fazer facilmente, & temos exemplos na ſua meſma lingoa como logo diremos, que querer lhes mudar a natureza de verbos em nomes ſao por hua pouca de difficuldade que ſe offerece.(RODRIGUEZ, 1976, pg 136)*

Em suas considerações, Rodriguez refere-se à posição do *verbo adjetivo* em relação ao substantivo tomando como um exemplo de oração adjetiva, à qual se refere como oração relativa. Segundo ele, seus companheiros apontavam uma mudança de natureza dos assim denominados *nomes adjetivos* de acordo com a posição, anterior ou posterior, aos substantivos. Rodriguez argumenta, porém, que entre *kawa ga fucai* e *fucai kawa degozaru*<sup>10</sup>, o verbo *fucai* não mudou sua natureza, tampouco sua função qualificadora. *Kawa ga fucai* significa “o rio é fundo”, já *fucai kawa degozaru* quer dizer “é o rio que está fundo”. Essencialmente ambas as frases querem dizer a mesma coisa, porém quando o *verbo adjetivo fucai* se antepõe ao substantivo *kawa*, ele assume a função de oração relativa. *Fucai* continua sendo um verbo com todas as suas flexões, o que muda é apenas seu posicionamento. Em *kawa ga fucai degozaru*, onde *degozaru* é o equivalente ao auxiliar verbal de asserção ou afirmação *da*, da língua atual, o verbo *fucai* posiciona-se depois do substantivo, dando a idéia de estado, mas não qualifica o substantivo *kawa*, rio, apenas afirmando a qualidade de ‘fundo’ para o rio. O uso do *verbo adjetivo* em orações relativas não o desqualifica como verbo, transformando-o em adjetivo. Assim, em *fucai kawa*, tem-se ‘o rio que é fundo’ mantendo-se sempre seu caráter verbal.

Rodriguez tece ainda considerações acerca da desinência flexional *na*, e seu equivalente em língua clássica para a época, *naru*. Essas considerações são feitas a mero título de exemplo, apresentadas apenas para embasar ainda mais a ideia dos *verbos adjetivos* em orações adjetivas. Tal desinência flexional é um ponto que até hoje é fortemente discutido pelos teóricos modernos da língua japonesa quando se trata dos *verbos adjetivos*. Atualmente existe um embate nas teorias gramaticais modernas pelo reconhecimento desses *verbos adjetivos* em *na* (ou *da*), que corresponde ao verbo *naru* na língua clássica, que indica asserção. A discussão atual sobre a classificação desses *verbos adjetivos* parte do embate entre considerar essa desinência (*na* ou *da*) como parte da palavra, tornando-a uma palavra independente (*keiyôdoshi*), como no caso de *shizuka-da* (ser silencioso), ou considerá-la como composta por um *quasi-substantivo* (equivalente ao ‘radical’ de Rodriguez) ao qual é acoplado o auxiliar de asserção *da*. Essa discussão torna o

---

<sup>10</sup> Grifos do autor

reconhecimento dessas palavras na taxionomia gramatical difícil. (MORALES, 2012, p. 165)

Após ocupar boa parte do capítulo para explicar a natureza verbal dos *verbos adjetivos* fazendo uso de inúmeros exemplos, Rodriguez passa à explicação de como transformar esses verbos adjetivos em outras classes de palavra.

O autor utiliza uma flexão do verbo para adicionar o sentido de negação, como base para entender como se flexiona o verbo a fim de transformá-lo em um *verbo adjetivo*: flexionar o verbo na forma negativa, cortar o *nu* da negação e adicionar *rashii*. Usando como exemplo o verbo *urayamu* (invejar), Rodriguez explica que de sua forma negativa *urayamanu*, corta-se o auxiliar verbal de negação *nu*, obtendo-se a forma *urayama*, à qual se adiciona o *shii* para formar o *verbo adjetivo urayamashii*. Em outras palavras, Rodriguez flexiona o verbo *urayamu* na primeira forma de flexão<sup>11</sup>, forma incompleta<sup>12</sup>, que é utilizada normalmente para a construção da forma negativa do verbo acrescentando-lhe o auxiliar verbal de negação *nai*, para então adicionar o *shii*.

Quanto à transformação dos substantivos em *verbos adjetivos*, Rodriguez explica que basta adicionar *rashii* ao nome. Essa terminação indica aparência, expressa um julgamento baseado em alguma evidência e possui a capacidade de alterar um substantivo em um *verbo adjetivo* quando acoplada a ele. Ele dá o exemplo do substantivo ou nome *warabe* (criança) que se torna *waraberashii* (com ares infantis, que parece criança). Esse sentido também pode ser obtido através da partícula *youna*, que atribui o mesmo sentido quando usada junto a um nome, como explica Rodriguez.

Ainda no tópico dos *verbos adjetivos*, Rodriguez traz uma nova tabela para exemplificar como os *verbos adjetivos* podem dar origem a verbos de ação, referidos como *verbos activos*. Essa transformação dá-se pela transposição do final *i* para o *me, mi, shi, ri* e *ye* (RODRIGUEZ, 1976, p. 137). O que ele se refere como

---

<sup>11</sup> No japonês existem seis formas de flexão do verbo: incompleta, adverbial, final, adnominal, condicional e imperativa, que adotamos para facilitar nossas explicações. É preciso esclarecer, no entanto, que Rodriguez não tinha conhecimento delas porque ainda não tinham sido sistematizadas e consolidadas como tais.

<sup>12</sup> Diz-se forma incompleta pois, pegando o exemplo do verbo *urayamu*, ao flexioná-lo na forma incompleta ele torna-se *urayama* e essa forma por si só não lhe confere sentido algum, ele necessita de um auxiliar verbal para completá-lo, donde sua denominação 'incompleta'.

*derradeyro i* nada mais é do que a desinência flexional do verbo. Há também a questão da substantivação de alguns desses verbos que se dá também pelo corte do *i* final e a adição do *sa*, transformando um *verbo adjetivo* em um nome (vide Figura 2).

Figura 2 - Tabela com verbos adjetivos convertidos em verbos de ação e neutros.

R. V. D. I. M. E. N. T. A.			
Fiyai,	Fiyé, uru.	Fiyaxi, su.	Fiyame', uru.
Catai,	Catame, uru.	Catamari, ru.	
Iyaxij,	Iyaxime, uru.		
Firoi,	Firome, uru.	Fircmari, ru.	Firogui, gu.
Arçui,	Arçume, uru.	Arçumari, ru.	
Marui',	Marume, uru.	Marumecaxi, su.	Marumari, ru.
Xiguci,	Xigueri, ru.	Xiguemi, mu.	Xigueracaxi, su.
Auoi,	Auomi, mu.		
Curoi,	Cureme, uru.	Curemi, mu.	
Tçuyoi,	Tçuyome, uru.	Tçuyomi, mu.	Tçuyori, ru.
Sunçi,	Sune, uru.		
Youai,	Youari, ru.	Ycuami, mu.	Youaracaxi, su.
Nemui,	Nemuri, ru.		
Vomoi,	Vomenji, zuru.		
Carui, l.	caroi, Caronji, zuru.		
Fofoi,	Fofome, uru.	Fofori, ru.	
Futoi,	Futome, uru.	Futori, ru.	

RODRIGUEZ, 1976, pg. 134

No caso dos verbos adjetivos que são substantivados, a adição do *sa* no lugar do *i* final dessas palavras dá a elas esse novo caráter, não somente a adição do *sa*, mas em alguns casos a adição do *mi* no lugar do *i* final também resulta na mesma transformação.

Rodriguez explica com muita clareza como essa transformação se dá, fazendo questão de exemplificar cada passo de sua explicação. Os exemplos citados nem sempre possuem tradução para o português pois o essencial é apreender a forma, como fazer para construir tais palavras e para entender seu

significado e função. Essa última parte do capítulo relativo aos verbos adjetivos já não foca mais na argumentação e na exemplificação de fatos para provar que os nomes adjetivos são verbos, mas sim para explicar de maneira instrumental como tal classe de palavra funciona.

## CONCLUSÃO

O aprendizado da língua japonesa pelos missionários jesuítas, tendo como base a maneira como a *Arte da Lingoa de lapam* foi escrita, pode ser caracterizado por um apontamento de semelhanças e diferenças com o latim, a partir de um ponto de vista comparativo.

Ignorando as bases usadas por Rodriguez para compor sua *arte*, a classe gramatical dos verbos adjetivos por ele concebida não possuía equivalência na taxionomia do português, como língua materna, ou do latim, que era logicamente de seu conhecimento por ser comumente ensinada nos seminários e colégios. O que se observa aqui é o desprendimento de uma base teórica para uma análise própria e original, um momento em que o autor faz a análise de uma peculiaridade da língua.

Esse momento de distanciamento da gramática latina por falta de equivalência faz com que Rodriguez lance um novo olhar sobre essa classe gramatical. Logicamente o distanciamento das bases usadas para a análise não é total, uma vez que a própria nomenclatura dos *verbos adjetivos* mostra que ele usou conceitos de duas classes diferentes das línguas que já eram de seu conhecimento; não que a existência de tais classes restrinja-se somente ao latim ou ao português mas para tentar achar uma designação que observasse a função e o comportamento dessas palavras no japonês. É essa tentativa que destaca a explicação de Rodriguez em sua *arte*, ele buscou construir um conceito ao invés de simplesmente alocar as palavras a uma classe já existente, como seria conveniente uma vez notadas as semelhanças com os nomes adjetivos do latim.

Fica claro que a proposta de Rodriguez nesse capítulo é provar que os adjetivos explicados por ele em sessões anteriores do livro, são verdadeiramente verbos que compreendem, em sua natureza, o que por nós, no português, é entendido como adjetivo. São esses *verbos adjetivos* aqueles terminados em *ai*, *ei*, *ii*, *oi*, *ui* pois essas são as sílabas que se flexionam nesse tipo de palavra, e também

os terminados em *na* e *naru*, por ele indicados como partículas que se juntam ao verbo.

Neste trabalho, buscou-se analisar os verbos adjetivos de João Rodriguez tendo em vista o contexto histórico em que ele se inseria; a gramática missionária que a Companhia de Jesus utilizou como grande embaixador do estudo das línguas exóticas era a gramática latina, e com esta ideia como pano de fundo, foi possível analisar os pontos onde é claro notar a natureza comparativa das artes gramáticas com o latim e também o português.

Porém, é forçoso reconhecer que essa arte de gramática não teria sido possível se não também pela ação de Alessandro Valignano em insistir no aprendizado da língua japonesa pelos missionários. Foi através desse princípio adotado pela Companhia de Jesus depois da chegada de Valignano que Rodriguez pode elaborar um estudo tão detalhado e completo para a época sobre a língua japonesa. A visão original que ele teve ao lançar uma descrição dos *verbos adjetivos* e os inúmeros exemplos citados para provar seus argumentos mostra o quão profundo era o seu conhecimento da língua.

Rodriguez nos traz um rico detalhamento de como essa classe de palavra funciona e porque assim ela deve ser denominada, apesar de parecer uma nomenclatura simplista. Para os estudantes de língua japonesa como língua estrangeira é comum referir-se aos verbos adjetivos como adjetivos somente, afinal é um termo que traz essa característica da língua japonesa a uma realidade mais próxima do estudante. A meu ver, no entanto, a falta de esclarecimento acerca das reais características dos *verbos adjetivos* faz com que sua natureza fique obscura para nós, estrangeiros, que estudamos o japonês. João Rodriguez foi um exemplar de sua época no meio missionário no que diz respeito à descrição da língua japonesa, lançando uma análise original e concisa daquilo que seus companheiros viram de maneira superficial.

Acredito que essa análise e as considerações feitas acerca dos *verbos adjetivos* possam trazer, ao meio acadêmico, um material que resgate a descrição de João Rodriguez e possa ser útil como mais um ponto de vista a ser considerado em relação a esse tema.

De fato, há discordâncias em torno do tema mas é inegável que a descrição de João Rodriguez sobre seus *verbos adjetivos* faz todo o sentido gramatical para

nós nativos da língua portuguesa justamente por abundantes equivalências com a classe dos verbos.

Com o banimento definitivo do cristianismo do Japão em 1638, o mundo dos estudos linguísticos sofreu a “perda” da *Arte* de Rodriguez que a levou consigo depois da expulsão do Japão. A obra ficou perdida até ser redescoberta no século XX. Esse grande espaço de tempo em que essa descrição dos verbos adjetivos e a *Arte da Lingoa de Iapam* estiveram perdidas talvez tenha sido o responsável pela confusão que sua tradução para ‘adjetivo’ largamente adotada depois da abertura dos portos em 1868, dificultando hoje a explicação da especificidade desta classe de palavra nos estudos de japonês como língua estrangeira.

Rodriguez é o primeiro a apresentar uma descrição dessa classe de palavra. O que chama bastante a atenção para esse capítulo é o fato de que tal classe gramatical, muitos anos à frente, irá gerar grande discussão em meio aos teóricos gramaticais modernos. Atualmente os *verbos adjetivos* são hoje os *keiyôshi* e *keiyôdôshi*, nomenclatura dada muito posteriormente ao que Rodriguez denominava *verbos adjetivos* e talvez sem relação com a descrição proposta por ele, em termos de classificação morfológica (apesar de seu lugar real na taxionomia gramatical ainda ser alvo de discussão), podem ser tidos como qualificadores que possuem ambos os atributos de um *keiyôshi*<sup>13</sup> quanto de um *dôshi*<sup>14</sup> (MORALES, 2012, p. 164). Essa controvérsia gramatical moderna está talvez desvinculada da análise inicial de Rodriguez, porém, ele prova através dos inúmeros exemplos que são citados que, a partir da comparação com a gramática portuguesa (e latina) o que se tem como adjetivos são na verdade verbos. É importante salientar que essa classe de palavra não foi objeto de reflexão de Rodriguez, mas é interessante constatar que a denominação por ele adotada corresponde exatamente à combinação que encontramos no termo *keiyô(adjetival)dôshi(verbo)*.

---

<sup>13</sup> *Keiyôshi* corresponde à classe de palavra muitas vezes identificada como ‘adjetivo em i’, ou simplesmente ‘adjetivos’ pelos alunos do japonês como língua estrangeira.

<sup>14</sup> *Dôshi* são regularmente traduzidos como “verbos”, porém mesmo designando uma ação assim como no português, existe uma diferença em suas propriedades, uma vez que o *dôshi* não se conjuga de acordo com categorias gramaticais de tempo, modo, número ou pessoa, mas se flexiona dependendo do auxiliar verbal que é a ele anexado.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. . Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. **DELTA** [online]. São Paulo Jan/June 2005, Vol. 21, no.1, p. 121-147. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502005000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000100005). Acesso em: 1 de março 2015.

CARDOSO, Simão. Gramática Latina no Século XVI: As “Partes Orationis” na gramática do Pe. Manuel Álvares (1572) e na “Minerva de Sanctius” (1587). **Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literatura**, Porto (Portugal), XII, 1995, pp. 159 – 172. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2703.pdf>. Acesso em: 01 maio 2015.

ELISON, George. **Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan**. Cambridge: Council On East Asian Studies, Harvard University, 1991.

JANEIRA, Armando Martins. **O impacto português sobre a civilização japonesa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

MORALES, Leiko Matsubara. “Os qualificadores keiyôdôshi na língua japonesa”. In: SUZUKI, Tae; NINOMIYA, Sônia Regina Longhi; OTA, Junko; MORALES, Leiko Matsubara (Org.). **Teorias gramaticais da língua japonesa**. Humanitas: São Paulo, 2012.

MOURA, Carlos Francisco. **O descobrimento do Japão pelos portugueses: 1543**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1993.

PRAZERES, Raquel Sofia Baptista dos. **Visões do Oriente. O Budismo no Japão aos olhos de João Rodriguez Tçuzzu**. Lisboa (Portugal), 2012. Dissertação (Mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos). Universidade Nova de Lisboa 2012. Disponível em:

[http://run.unl.pt/bitstream/10362/9155/1/Raquel%20Prazeres\\_TeseMestrado.pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/9155/1/Raquel%20Prazeres_TeseMestrado.pdf).  
Acesso em: 5 de março 2015

RODRIGUEZ, João. **Arte da Lingoa de lapam**. *Com licença do Ordinário, e Superiores em Nangasaqui, no Collegio de lapão da Companhia de Iesu*. Tokyo: Benseisha, 1976.

ROSA, Maria Carlota. Línguas *bárbaras* e *peregrinas* do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras. **Revista de Estudos da Linguagem** 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2178> Acesso em 1 de Abril de 2015

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. Contar como se conta: os numerais japoneses *na Arte da lingoa de lapam*, de João Rodrigues “Tçuzzu”. **Revista Litteris**, n. 5. julho/2010. 13 p. Disponível em: [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar\\_MICHELE.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Contar_MICHELE.pdf). Acesso em 27 de Março de 2015

SÁ, Michele Eduarda Brasil de. **A Arte da Lingoa de lapam de João Rodrigues “Tçuzzu”**. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, Nº 4, tomo 3 p. 2050-2055. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_3/2050-2055.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2050-2055.pdf) Acesso em: 27 de Abril de 2015

SUZUKI, Tae. Os jesuítas no Japão dos séculos XVI e XVII: O papel da prensa no trabalho de evangelização. In: PEREIRA, Ronan Alves; SUZUKI, Tae (Org.) **O Japão no Caleidoscópio: Estudos da Sociedade e da História Japonesa**. Campinas, SP: Pontes, 2014, p. 61 - 90.

TASHIRO, Eliza Atsuko. As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzzu. In: **Historiografia da Lingüística Brasileira** - Boletim 7. São Paulo: CEDOCH - DL/USP, 2004, p. 199 – 224. Disponível em: [http://www.fllch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7\\_199-224.pdf](http://www.fllch.usp.br/dl/cedoch/downloads/boletim7_199-224.pdf) Acesso em 27 de Março de 2015